

UMA VISÃO ESTOICA PARA OS NOSSOS TEMPOS

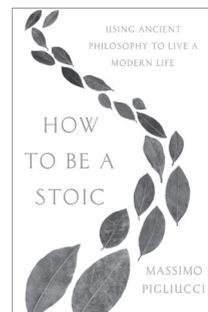
Olivia Williams

Graduanda em Letras Portuguesas pela Universidade de Oxford

MASSIMO PIGLIUCCI, PROFESSOR DE FILOSOFIA DO CITY COLLEGE OF New York, afirma que chegou ao estoicismo através de uma combinação de acaso cultural, vicissitudes da vida e escolha prudente. É verdade que, para quem desconhece a Antiguidade, a ideia de optar pelo estoicismo, um movimento filosófico que quase desapareceu no século IV, pode parecer aleatória, senão pretenciosa.

No seu livro *How to be a stoic*, contudo, Pigliucci argumenta que essa filosofia frequentemente esquecida e subestimada pode ser, de fato, a solução moderna para um dos assuntos mais pertinentes de todos os tempos: como levar uma boa vida.

Assim começa o que poderíamos denominar o primeiro guia prático do estoicismo do mundo contemporâneo. De fato, *How to be a stoic* é tão moderno que, às vezes, parece mais um daqueles livros de autoajuda do que uma reflexão detida sobre uma das filosofias mais antigas da civilização ocidental. O livro chega até a recorrer à fórmula dos famosos “doze passos” utilizada por organizações como o Alcoólicos Anônimos. De qualquer forma, *How to be a stoic* é um projeto ambicioso, cujo maior desafio é realizar uma análise profunda das ideias de pensadores originais destinada a um público moderno que talvez não tenha nenhum conhecimento de filosofia.



PIGLIUCCI,
Massimo. *How to be a stoic: using ancient philosophy to live a modern life*. Nova York: Basic Books, 2017.



Percorrendo imaginariamente as ruas de Roma, o professor discute as principais ideias do estoicismo com um filósofo que faleceu em 135 d.C. O cerne do livro *How to be a Stoic* é constituído justamente por essas conversas

Para evitar que o guia ficasse acadêmico, didático ou inacessível demais, Pigliucci optou por uma abordagem mais pessoal, relatando a sua própria relação com o estoicismo. Escreve: “*In How to be a Stoic, I will do my best to guide the reader down this ancient and yet remarkably modern road*” (PIGLIUCCI, 2017, p. 12)¹. A modernidade extraordinária dessa doutrina tão antiga é fonte de grande interesse para o autor, e a relação entre o antigo e o moderno é um tema recorrente no livro.

Cada explorador precisa do seu próprio guia, e Pigliucci, reconhecendo isso, convoca seu estoico preferido, Epiteto, para acompanhá-lo ao longo do caminho. Percorrendo imaginariamente as ruas de Roma, o professor discute as principais ideias do estoicismo com um filósofo que faleceu em 135 d.C. O cerne do livro *How to be a Stoic* é constituído justamente por essas conversas.

À primeira vista, a ideia de basear um livro em conversas com um filósofo falecido (e com poucos registros escritos remanescentes) parece absurda, na melhor das hipóteses, e problemática, na pior. Após uma análise mais profunda, contudo, o leitor perceberá que as conversas são o engenho estrutural do livro: Pigliucci utiliza os escritos de Epiteto com a finalidade de apresentar conceitos fundamentais ao público, e acrescenta depois sua própria voz

¹ Nas próximas citações, mencionaremos apenas o número da página.

para elaborar, esclarecer ou, de vez em quando, problematizar a fala do teórico original. Por meio desse diálogo entre a voz antiga e a voz moderna, o autor elabora, a um só tempo, uma apresentação das ideias e uma atualização do estoicismo.

A necessidade de tal atualização é reconhecida por ambas as partes: pelo autor, sem dúvida, mas talvez de forma ainda mais interessante pelos próprios estoicos. Os estoicos previram a evolução inevitável da filosofia no curso das gerações de seus futuros seguidores, e acolheram-na favoravelmente como um fato da natureza humana. Vejamos a seguinte citação de Sêneca utilizada por Pigliucci para salientar essa ideia:

Men who have made these discoveries before us are not our masters, but our guides. Truth lies open for all; it has not yet been monopolized. And there is plenty of it left even for posterity to discover (SÊNeca apud PIGLIUCCI, 2017, p. 12).

Eis, segundo Pigliucci, um dos elementos mais atraentes do estoicismo: há sempre espaço para reflexão, mudança e melhoria. Nesse sentido, o estoicismo é um livro aberto, e é esse aspecto que diferencia essa corrente intelectual de outras tradições como o cristianismo ou o budismo, que exigem, por sua vez, estrita observância aos ensinamentos antigos.

Mas como exatamente Pigliucci atualiza o pensamento estoico? O autor diz que problematiza as ideias mais antiquadas de Epiteto, e que uma das razões pelas quais ele escolheu esse filósofo como guia foi justamente a de que ele não concordava com todas as suas opiniões. Em uma entrevista a Daniel Kaufman, ele descreve Epiteto como um “*good sparring partner*”², uma declaração sugestiva de que o livro seria uma discussão entre o autor e seu mentor. Ao ler as conversas, contudo, o leitor perceberá que Pigliucci não entra em conflito com os discursos de Epiteto, e que, de fato, são poucos os momentos de desacordo.

Em vez disso, Pigliucci analisa e *esclarece*, para o público contemporâneo, o contexto e o significado de algumas das ideias mais frequentemente mal-interpretadas do estoicismo. Um exemplo dessa abordagem se encontra no capítulo sobre a “dicotomia do controle”: a atitude estoica de fazer todo o possível para atingirmos

2 PIGLIUCCI, Massimo. How to be a stoic: with Massimo Pigliucci. Entrevista concedida a Dan Kaufman. In: _____. *How to be a Stoic: an evolving guide to practical stoicism for the 21st century*. Disponível em: <<https://howtobeastoxic.wordpress.com/2017/05/17/how-to-be-a-stoic-the-video/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

nossos objetivos, reconhecendo ao mesmo tempo que há elementos da vida que não controlamos. Essa convicção inspirou as palavras seguintes de Epiteto: “*We should make the best of those things that are in our power, and take the rest as nature gives it*” (EPITETO apud PIGLIUCCI, 2017, p. 29).

Pigliucci começa por explicar que é fácil interpretar isso como uma justificação para a passividade – mas ele argumenta que, de fato, os estoicos eram professores, políticos e militares: profissões que não advogam nem a passividade nem a resignação. “*Stoicism is too often misinterpreted as a passive philosophy, yet resignation goes precisely against not just what the Stoics themselves said but also, more importantly, what they practiced*” (p. 38).

Nesse caso, qual é o verdadeiro sentido da declaração de Epiteto? Segundo Pigliucci, a ênfase deve recair não somente sobre a aceitação de que não podemos controlar tudo na vida, mas também sobre a atitude que devemos adotar à luz dessa aceitação. Ele argumenta que a fala de Epiteto é um apelo para que encaremos as vicissitudes, a injustiça da vida. A ideia é que devemos “*look the reality of life straight in the face, with courage*” (p. 42). Assim, Pigliucci revela um sentido contrário à interpretação corrente de uma das principais ideias do estoicismo – na esperança de destacar um sentido mais convincente para o público da sociedade atual.

Poderíamos dizer que essa tática é uma desconstrução do estoicismo: voltar às raízes da filosofia para se livrar dos estereótipos e concepções erradas acumulados ao longo dos anos. O próximo passo? A reconstrução. Pigliucci acredita que as ideias do estoicismo já são suficientemente modernas para atrair um público contemporâneo. Mas também acredita, justamente, que o desafio de qualquer filosofia “*is not just to claim that learning philosophy will make you a better person, but to convincingly show that it does*” (p. 111, grifos nossos). Um dos modos de mostrar como o estoicismo (assim como qualquer filosofia ou tradição intelectual) pode ser aplicado à vida real é por meio de anedotas. Por outro lado, se o objetivo de *How to be a stoic* for convencer o leitor de que o estoicismo não é nem antiquado nem pretensioso, as histórias de Epiteto sobre gladiadores, heróis de guerra romanos e escravos não chegariam a alcançar a sensibilidade de nossa época.

Eis a segunda inovação de Pigliucci: a substituição dessas anedotas antigas por histórias e exemplos do mundo moderno,

tais como a vida de James Stockdale, o político americano cujo conhecimento do estoicismo o ajudou a sobreviver enquanto esteve prisioneiro no Vietnã; ou Malala Yousafzai, que, com 15 anos, foi atingida três vezes na cabeça, sobreviveu, e virou defensora do direito à educação para meninas. O autor utiliza esses exemplos para mostrar como uma mentalidade estoica ajudou dois modelos conhecidos a superar os momentos mais difíceis de suas vidas.

As duas histórias são de fato impressionantes, mas os exemplos mais efetivos que Pigliucci cita são os de seu dia a dia – certamente porque é com as histórias de uma pessoa normal que o público pode realmente se identificar. A reação do autor quando ele percebeu que tinha sido roubado clandestinamente no metrô; como ele lidou com uma experiência de quase morte num pouso de avião em Londres; como ele utiliza o estoicismo para pensar, numa perspectiva otimista, o seu próprio peso. É através desses exemplos que Pigliucci tenta nos convencer de que é possível, e até mais fácil do que imaginamos, adotar o estoicismo na sociedade contemporânea.

A partir desses casos, o autor prova que o estoicismo pode ser aplicado em quase toda situação da vida. Ao terminar *How to be a stoic*, o leitor talvez venha a perceber que já está até mesmo encarando alguns problemas com uma mentalidade estoica. Aliás, não é outro o propósito de Pigliucci: mostrar que o estoicismo é natural e instintivo. Uma doutrina ideal para muitas pessoas de nossa sociedade que procuram uma estrutura moral para a vida, mas que se encontram presas entre a religião e o ateísmo militante. O entusiasmo de Pigliucci é contagiante, e o formato concebido para o livro, o do “*How to*”, é divertido, leve e encantador. Contudo, é importante lembrarmos que *How to be a stoic* não está propondo ou vendendo algum tipo de moda ou regime: o estoicismo é uma filosofia de vida, e a escolha de adotá-lo não pode e não deve ser feita após a leitura de um único livro.